



PALAVRA DE MULHER, NOVOS LEITORES: A PRESENÇA DE ESCRITORAS NAS AULAS DE LITERATURA EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE QUIXERAMOBIM

WOMEN'S WORDS, NEW READERS: THE PRESENCE OF
WOMEN WRITERS AT LITERATURE CLASSES IN
PUBLIC SCHOOLS OF QUIXERAMOBIM

Mayara Cruz Albuquerque*, Vânia Maria Ferreira Vasconcelos**

RESUMO

A produção literária foi uma conquista das mulheres e a legitimação da escrita feminina como uma escrita que também é capaz de fazer parte do campo literário não é uma luta superada, autoras ainda são menos reconhecidas e vistas em livros didáticos e bibliotecas escolares. A partir disso, esta pesquisa investigou a presença de textos de autoria feminina nas aulas de literatura em escolas públicas estaduais do município de Quixeramobim, localizado no Sertão Central do Ceará. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e de campo, culminando na aplicação de 264 questionários. O levantamento de dados constatou que escritoras estão sendo mais lidas, mas ainda há uma disparidade significativa no número de autoras e autores lidos, como também professores e professoras que nunca tinham parado para pensar na invisibilidade de escritoras nos livros didáticos, o que se reflete na escolha dos textos trabalhados ao longo do ano. Para discutir essas questões, dialogamos com as “vozes-mulheres” de Regina Dalcastagnè (2005), Virginia Woolf (2014), Zahidé Lupinacci Muzart (2003), entre outras pesquisadoras e escritoras.

Palavras-chave: Escritoras. Leitores. Aulas de Literatura. Escola pública.

ABSTRACT

Literary production was an achievement of women and the legitimation of female writing as a writing that is also capable of being part of the literary field is not a struggle overcome,

* Mestra em História e Letras pelo MIHL- Mestrado Interdisciplinar História e Letras da Universidade Estadual do Ceará. <http://orcid.org/0000-0001-6753-2042>

** Doutora em Literatura Contemporânea pela Universidade de Brasília. <http://orcid.org/0000-0002-2930-3557>

authors are still less recognized and seen in textbooks and school libraries. Based on this, this research investigated the presence or absence of female authorship in literature lessons in state public schools in the Quixeramobim town, located in the Central backwoods of Ceará. The methodology used was the bibliographical and field survey, culminating in the application of 264 questionnaires. The data collection noticed that women writers are being read more, but there is still a significant disparity in the number of female and male authors read, as well as teachers have never stopped to think about the invisibility of women writers in textbooks, which reflects in the choice of texts used throughout the year. To discuss these issues, we dialogue with the voices-women of Regina Dalcastagnè (2005), Virginia Woolf (2014), Zahidé Lupinacci Muzart (2003), among other researchers and writers female.

Keywords: *Writers. Readers. Literature Classes. Public School.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para além da literatura como direito humano como Antônio Candido (2004) defendeu em seu ensaio, precisamos discutir como a legitimação da luta pelas liberdades individuais e conquistas de direitos se relaciona com a formação de leitores, como os preconceitos podem ser reforçados por escolhas que são feitas na abordagem de textos nas salas de aula. Será que nossos jovens encontram um espaço de formação que seja também de acolhimento e respeito a suas identidades? Sabemos que os estereótipos estão presentes na escola brasileira e também nos livros didáticos, como aponta Jane Soares de Almeida (1998) em *Mulher e Educação: uma paixão pelo possível*:

As pesquisas e análises feitas em livros didáticos, manuais escolares, literatura infanto-juvenil e trabalhos empíricos em sala de aula vêm demonstrando a existência de estereótipos sexuais na escola como resultado de uma educação sexista, na qual meninas e mulheres desempenham papéis sexuais domésticos e subalternos (ROSEMBERG, 1992, p. 178). Esses estudos, apesar de sérios e bem fundamentados, não têm efetivamente contribuído para que haja repercussões no cotidiano das escolas e as professoras continuam a exercer uma prática pedagógica e psicológica que reforça as representações acerca dos papéis sexuais desempenhados por meninos e meninas na escola, na vida social e nas relações pessoais. Por sua vez, elas podem também estar introjetando os mecanismos de subordinação que transmitem, retroalimentando as relações de poder na Educação (ALMEIDA, 1998, p. 81).

Compreendemos que a literatura de autoria feminina pode tornar a educação menos sexista. O reconhecimento da contribuição da literatura como um discurso importante para a formação humana tem sido reforçado pelos Estudos Culturais quando oferecem a oportunidade de mais vozes se expressarem, em todo o mundo, através de suas culturas, crenças e valores. No livro *O Cânone Ocidental*, de Harold Bloom, o autor dá a definição de cânone e características que estão presentes em uma obra considerada canônica, como também faz uma seleção de autores, que para ele, representam a tradição literária ocidental. Bloom é incisivo quando se trata de obras que abordam em seus textos “as injustiças históricas e sociais”. Para o crítico, a literatura deve se preocupar com a estética e não se reduzir ao viés ideológico. O que chama atenção na seleção de Bloom é a presença de apenas três mulheres em uma lista de vinte e seis escritores, dramaturgos, poetas, filósofos. As três mulheres presentes na lista são Jane Austen, Emily Dickinson e Virginia Woolf. Daí nos perguntamos se não existiram mais mulheres que poderiam representar a força poética e originalidade que o crítico exigia quando escreveu seu livro.

Para Bloom o leitor deve ser seletivo, pois não há tempo suficiente para ler toda a imensidão de obras que existem, a mortalidade é a prova viva de que não leremos tudo que queremos nem se quiséssemos. A influência da escola é decisiva para as escolhas literárias que se fazem no processo de formação. No caso brasileiro, ler Machado de Assis e José de Alencar é comum, ainda no ensino fundamental. Em contrapartida, só começamos a conhecer autoras como Clarice Lispector na adolescência. O texto de Clarice marca leitores não apenas por sua qualidade estética, mas também por ser uma escritora que aborda a condição humana a partir de um lugar de fala feminino. Essa perspectiva faz parte da composição do texto.

As escolhas, do que se convencionou chamar de cânone, também passam pelo critério do ponto de vista de quem o define e esse critério não é apenas estético. Portanto, cabe a reflexão sobre a revisão de leitura dos clássicos, considerando a leitura de autoras clássicas. Essas mulheres que podemos considerar como pioneiras na arte da escrita e na proposição de ideias dentro e para além de seu tempo foram esquecidas. Ler e ter acesso às suas produções literárias é uma maneira de entender como chegamos até aqui. Há escritoras que têm trabalhos disponíveis, mas pouco conhecidos, como Júlia Lopes de Almeida que começou a escrever aos 19 anos, publicando em jornais em pleno século XIX, como romancista, cronista, dramaturga e contista. A própria Júlia questionou inúmeras vezes a falta de espaço para as mulheres em seus trabalhos, como cita a historiadora, escritora e tradutora Norma Telles, em *Escritoras, escritas, escrituras*:

Não há meios de os homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos – grandes para eles, para que os seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós. [...] e o pitoresco é que nós mesmas nos convencemos disto (TELLES, 2009, p. 341).

A escritora não se convenceu muito, não é à toa que dedicou a maior parte da sua vida a definir com o seu trabalho até onde uma mulher pode ir e foi muito longe, apesar de inicialmente escrever às escondidas até ser descoberta pela irmã. Segundo a pesquisadora Michele Fanini (2009), sua produção literária a fez conquistar o posto de escritora mais publicada da Primeira República e a tornou uma escritora profissional e bem-sucedida, porém não foi suficiente para que fosse um membro da Academia Brasileira de Letras, mesmo com a sua produção, atuação e colaboração na criação da própria ABL. Só depois de 80 anos de existência da Academia, passamos a ter Rachel de Queiroz como a primeira escritora a ocupar uma cadeira na ABL. Como Nely Novaes Coelho (1991), acreditamos que:

Não se trata de saber se a literatura “feminina” é melhor ou pior do que a “masculina”. Obviamente já não têm mais sentido as discussões que se centravam na questão do “valor” maior ou menor de um ou outra; pois já é ponto pacífico o fato de que o valor literário não tem sexo. Tanto há os grandes escritores ou escritoras, como os meramente bons, medíocres ou péssimos... O confronto entre ambas as produções leva facilmente à conclusão de que homens e mulheres se igualam em força ou energia criativa (desde que tenham idênticas oportunidades de desenvolvimento cultural), e que a maior ou menor “espessura” literária de cada obra depende exclusivamente da maior ou menor “qualidade” do espírito que a produz, seja de homens ou de mulheres (COELHO, 1991, p. 92).

A predominância da escrita masculina na literatura produziu também uma sub-representação das personagens femininas nos romances brasileiros. A pesquisadora da UNB Regina Dalcastagnè analisou, a partir das publicações de três grandes editoras do país, a representação das personagens femininas em obras de escritoras mulheres como de escritores homens e avaliou a sub-representação como em outros campos:

Isso não é diferente na literatura. Segundo pesquisas realizadas na Universidade de Brasília (UnB) – que se debruçaram sobre todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras da área (Companhia das Letras, Record e Rocco) nos últimos 15 anos – as autoras não chegam a 30% do total de escritores editados. O que se reflete também na sub-representação das mulheres como personagens em nossa ficção. As mesmas pesquisas mostram que menos de 40% das personagens são do sexo feminino. Além de serem minoritárias nos romances, as mulheres também têm menos acesso à “voz”, isto é, à posição de narradoras, e estão menos presentes como protagonistas das histórias (DALCASTAGNÉ, 2007, p. 128).

A LITERATURA NA ESCOLA: UM RECORTE DO ENSINO DE LITERATURA EM QUIXERAMOBIM

No período entre 2006 e 2008, o livro adotado nas escolas públicas do município de Quixeramobim era *Português: literatura, gramática, produção de texto*, de Leila Lauer Sarmiento e Douglas Tufano. Hoje, em 2016, já utilizamos na preparação de nossas aulas o livro *Português: Linguagens em conexão*, de Márcia Travalha, Graça Sette e Rozário Starling e atualmente *Novas Palavras* de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio. Nesse ínterim, é possível observar que houve mudanças no livro didático de Língua Portuguesa, mas não significativas o suficiente que revelem a divulgação adequada de textos da produção de autoria feminina, ou seja, ainda mantendo pouco conhecidas e lidas as autoras, conforme esta pesquisa pretende demonstrar.

Fazendo um comparativo a partir do que analisaremos nos livros, é possível perceber, na publicação que guiou as aulas durante o ensino médio em 2004, uma presença muito pequena de escritoras. As primeiras escritoras que vamos encontrar em *Português: literatura, gramática, produção de texto*, depois de mais de 140 páginas sobre literatura e historiografia literária, representando a segunda fase modernista, na prosa e poesia respectivamente são Rachel de Queiroz e Cecília Meireles e logo depois Clarice Lispector na prosa a partir da década de 40. A presença de escritoras neste livro se resume a essas três escritoras em mais de 170 páginas. É importante ressaltar que já existem pesquisas que registram a presença de escritoras brasileiras com publicações em todos os gêneros desde o século XIX, como a coleção de *Escritoras Brasileiras do Século XIX* da editora Mulheres que reúne cerca de 3000 páginas sobre autoras que produziram e publicaram por todo o território nacional.

Já em 2013, nas primeiras páginas do livro didático adotado, *Português: Linguagens em conexão*, encontramos, no chamado Pré-Modernismo, a escritora e poeta Gilka Machado. Um dos textos disponibilizados pelo capítulo é ‘Gilka Machado: uma poeta feminista entre o Simbolismo e o Pré-Modernismo’. No Modernismo em Portugal, encontramos a poeta portuguesa Florbela Espanca. Para abrir a conversa sobre a obra de Espanca o livro lança algumas perguntas, eis uma delas: “Em sua opinião, por que há poucas escritoras – na literatura brasileira e portuguesa – de destaque, até esse período?”. Na primeira fase do Modernismo no Brasil, temos a presença de Patrícia Galvão, a Pagu. Na segunda fase Rachel de Queiroz, na terceira Clarice Lispector. No capítulo intitulado ‘Prosa Contemporânea: o cenário urbano e o realismo fantástico’ nos deparamos com a poeta e romancista Conceição Evaristo. No capítulo ‘Prosa contemporânea – novos gêneros e diálogos’ temos a presença de Laura Guimarães, roteirista e diretora de curtas-metragens paulista e o seu trabalho com microcontos.

A partir dessa breve análise dos livros didáticos, podemos nos questionar como esses materiais afetam as aulas de literatura. Embora expresse mudança, ainda revela que há uma predominância marcante de autores masculinos, o que vem reforçar a denúncia de várias pesquisas que apontam para uma imposição canônica de autores homens e brancos na literatura brasileira divulgada nas escolas.

A escola se configura, para muitos, como o primeiro espaço de encontro com textos literários de forma orientada. No entanto, a literatura na escola submete-se a um cronograma sisudo, que faz escolhas, deixando de lado muito texto bom, pois o tempo é curto. O livro didático é o manual que, de forma prática, resume o que deve ser visto ao longo do ano. São muitos os fatores que contribuem para uma escola pública distante do texto literário. Para Silva (1984) “a leitura e a escola pública no Brasil fazem parte do conjunto maior das migalhas à população que não pode contar com mais nada além dos “serviços públicos” (SILVA, 1984, p. 11). Todas as escolas de Quixeramobim possuem biblioteca. A cidade também possui a sua biblioteca pública que resiste ao longo dos anos às mudanças de prédios e à falta de condições adequadas.

Não é fácil mudar uma prática que se arrasta por décadas, a complexidade dessa árdua tarefa consiste em analisar o que temos e o que queremos para o futuro. Parte do desejo para esse futuro é que alunos e alunas continuem seus estudos sem dificuldades elementares de leitura e interpretação textual, como também que gostem de ler, que desenvolvam o gosto pela leitura e passem pelo menos uma vez por mês na biblioteca da escola para enriquecer sua formação.

A literatura na escola resiste à falta de livros, à falta de interesse e, de vez em quando, ganha mais um leitor. No peito desse leitor e leitora, a palavra pode ser como uma gota de chuva no sertão, um pouquinho e já deixa tudo verde, um pouquinho e quem sabe inunda e pode levar a muitos outros livros e textos que não seriam lidos se as (os) professoras (es) não tivessem indicado, se as (os) bibliotecárias (os) não tivessem indicado, se as (os) amigas (os) não tivessem indicado.

Escolhemos quatro escolas públicas estaduais de ensino médio do município de Quixeramobim para aplicarmos questionários sobre leitura e a presença de autoria feminina nas aulas de literatura. No total, 248 alunos responderam a dois questionários. O primeiro questionário é estruturado em oito blocos que compreendem questões de avaliação da escola até frequência de leitura e gênero preferido. O segundo, mais subjetivo, exigiu a escrita e memória dos estudantes que responderam a questões sobre as aulas de literatura, experiências positivas e negativas com o texto literário e a leitura de autoria feminina.

As escolas escolhidas recebem alunos da sede e dos distritos de Quixeramobim e diferem em muitos aspectos, como, por exemplo, ensino regular e ensino integral. As escolas elegidas foram: E.E.M. Assis Bezerra, E.E.M. Coronel Humberto Bezerra, Liceu de Quixeramobim Alfredo Almeida Machado e Escola Estadual de Educação Profissional Dr. José Alves da Silveira. O levantamento de dados nos levou a analisar experiências completamente diferentes de escola para escola, mas também a lugares e problemáticas comuns. Partindo desse pressuposto, faremos o compartilhamento com seus devidos comentários. As turmas entrevistadas foram de 1º ano por estarem chegando do ensino fundamental e 3º por estarem partindo e indo para novas etapas e processos de aprendizagem, como o ensino superior. Em cada escola aplicamos em duas turmas somando o total de oito.

Mesmo com todas as “pedras no caminho”, a Literatura permanece viva na escola. Ao longo dessa experiência, tivemos que desconstruir vários estereótipos que, de tão arraigados, naturalizam-se como verdades: “estudantes não leem”, “a escola não consegue fazer um trabalho efetivo e afetivo com o texto literário”, “escritoras que não estão nos livros didáticos não são lidas por alunos de ensino médio.” Na primeira aplicação dos questionários recebemos alguns em branco e o pri-

meiro sentimento foi de frustração, até o momento em que percebemos que poderíamos falar disso também, a folha em branco diz muito. “Professora, eu não tenho experiência de leitura, não tenho o que responder”. Os questionários que não foram respondidos, as perguntas que voltaram em branco ou com respostas curtas como “Não sei”, “Não lembro”, “Nenhum”, “Não leio”, que não foram poucas, dizem muito. Dizem da vivência de cada um e não podemos inventar o que não existe. A frustração também deu lugar a alegria. Projetos que desenvolvem o gosto pela literatura, amigos que compartilham livros, até sugestões de autoras como Harper Lee, encontramos em meio às respostas dos questionários. Infelizmente não é possível tecer comentário sobre tudo o que lemos, mas tentaremos compartilhar o que consideramos mais importante. Quando perguntamos sobre as aulas, o estudo de obras completas e/ou trechos as respostas foram muito similares. “Trecho, porque na maioria dos casos não dá para explicar completamente.” “Costumamos estudar apenas trechos de obras, por causa do calendário letivo escolar.” “Trechos de obras, alguns textos. Nas aulas de literatura trabalhamos apenas o conteúdo do livro”.

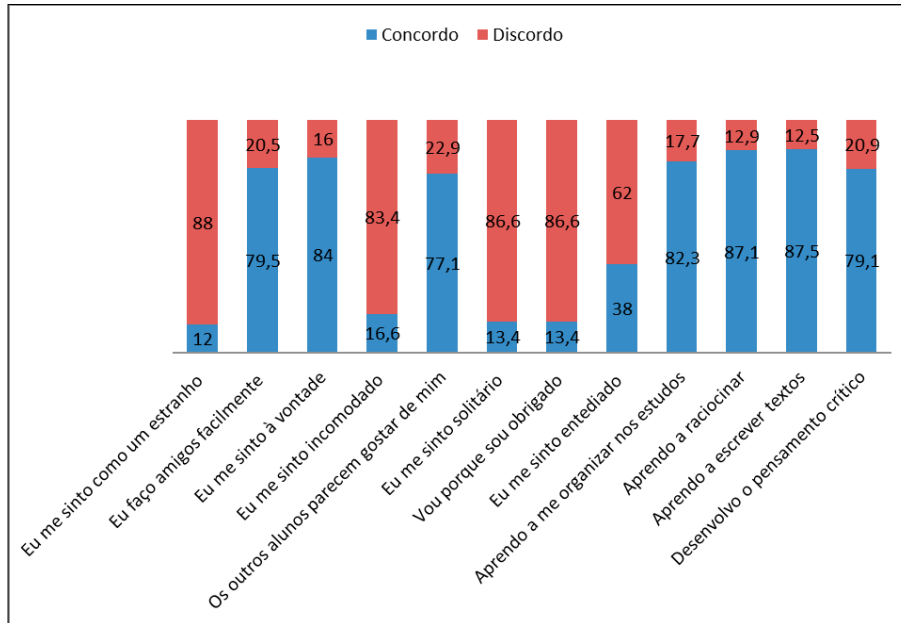
O conteúdo do livro e trechos de obras são as respostas mais frequentes. O conteúdo que o plano anual exige deve ser seguido de forma tão rígida que encontramos respostas como “Nas minhas aulas de literatura só estudei o Barroco e sua origem” ou que o aluno não consegue citar um autor e um livro e usa a escola literária estudada ao longo do ano como resposta: “Estudamos várias obras como o Barroco, Romantismo”. A distância entre a experiência temporal dos alunos e a linguagem dos escritores e suas performances literárias, o excesso de historiografia no lugar de textos que cativem leitores nos livros didáticos, tudo isso corrobora para um distanciamento entre um possível leitor e o que está programado para a aula. “Costumo estudar as obras por conta da escola, porém não são do meu interesse”. Sabemos que o tempo não permite a professores muito tempo de planejamento, alguns trabalham por três expedientes, como verificamos nos questionários que aplicamos, mas o que devemos analisar é como nossas práticas podem acabar agravando a redução das perspectivas leitoras, como no desconhecimento de tantas autoras e textos. Como afirmam os alunos entrevistados: “Estudamos as características das escolas literárias, autores e suas obras, depois fazemos exercícios sobre”; “Costuma ser cansativa e chata, pois é algo repetitivo”.

Trabalhamos com blocos temáticos de questionários. Nesse artigo, analisaremos apenas alguns. O primeiro bloco avalia a trajetória escolar, questões sobre o relacionamento do (a) educando (a) com a escola, como ele (a) se sente, qual é a importância da escola, desde o ensino até a relação com os colegas e professores (as). Outro bloco importante trata da leitura, analisa a frequência de leitura, o gênero literário preferido, quantos livros possui, qual é o ambiente de leitura em casa e o relacionamento com a leitura de maneira geral com opções como “A escola me estimula a ler”. O sexto bloco “Leitura na escola” pergunta sobre a quantidade de livros que lê por ano na escola, se gosta ou não dos livros indicados pelos professores, quem indica suas leituras, a biblioteca da escola. Com tantos dados em mãos fizemos um recorte do que não poderíamos deixar de comentar e transformamos em gráficos. No gráfico 1 “Minha escola é o lugar onde”, quase 90% dos estudantes discordam que se sentem incomodados na escola, ou seja, é um espaço que consideram de acolhimento e se sentem bem. De maneira geral as respostas levam para uma análise positiva do ambiente escolar: 79,1% concordam que desenvolvem o pensamento crítico, 87,5% acreditam que aprendem a escrever textos e 62% não se sentem entediados.

A quantidade de livros lidos por ano na escola não foi positiva, gráfico 2. Apenas 35% lê 1 a 2 por bimestre e 23% não leem nenhum por ano, ou seja, uma parcela significativa de alunos termina o ano sem ter lido um livro indicado pela escola. Um livro por semestre levou 25% do resultado, o que é bastante preocupante, pois sabemos que um livro por semestre é uma média baixa de leitura. Nos projetos políticos pedagógicos não encontramos nenhuma menção à leitura,

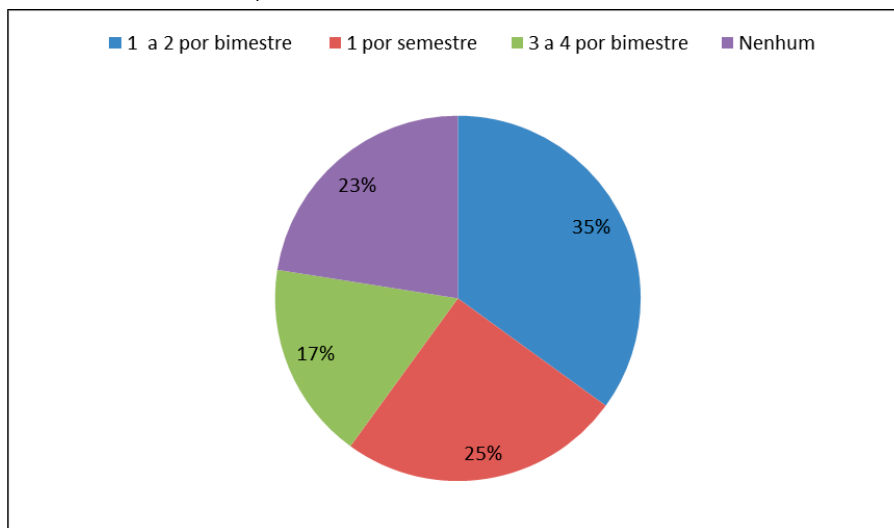
projetos literários desenvolvidos ou que a escola gostaria de desenvolver. A ausência de iniciativas que promovam a leitura reflete os números levantados.

Gráfico 1 - Minha escola é o lugar onde



Fonte: Elaborada pela autora.

Gráfico 2 - Quantos livros lê por ano na escola?



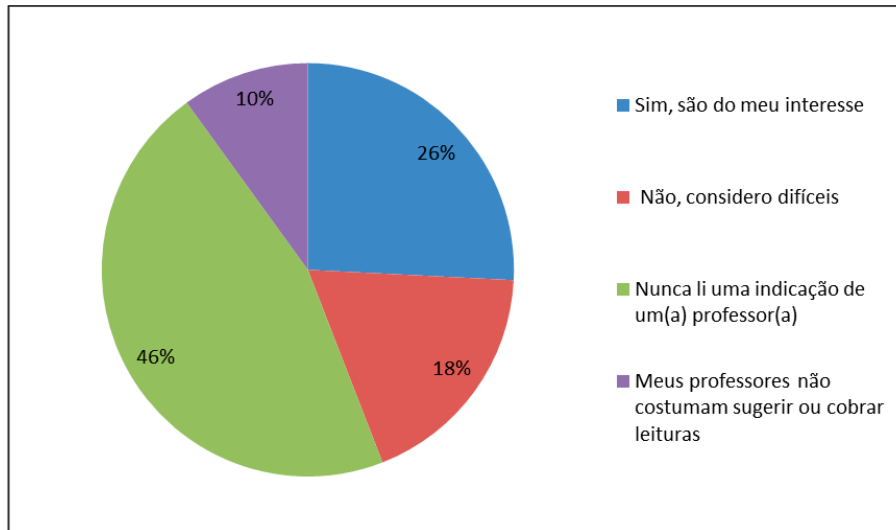
Fonte: Elaborada pela autora.

Apenas 26% dos entrevistados leram e se interessaram por uma indicação literária feita por um (a) professor (a), gráfico 3. Em contrapartida, 46% nunca leram uma indicação de um (a) professor (a) e 18% consideram difíceis as obras indicadas, o que pode ser a resposta para a rejeição das indicações e leitura na escola do gráfico anterior.

Quando se trata de quem indica as leituras, os amigos lideram o ranking. Focando na opção “Algumas vezes” é interessante ver que 31,8% dos pais indicam livros de vez em quando, os amigos

42,2%, a internet 52%. Os youtubers, que mais do que nunca fazem parte dessa geração, também entraram na lista de quem indica, e indicam mais que os irmãos e a pessoa com quem os (as) entrevistados (as) se relacionam amorosamente. Podemos aproveitar este dado para refletir sobre o quanto a escola tem se afastado da realidade leitora dos seus educandos. Os “booktubers”, como são chamadas as pessoas que trabalham com literatura no Youtube, fazem um trabalho muito importante de disseminação do texto literário e divulgação de autoras e autores.

Gráfico 3 - Gosta dos livros indicados pelos professores



Fonte: Elaborada pela autora.

Mais de 60% discordam que só leem o que é necessário, mas apenas 41,9% consideram o hábito da leitura uma diversão. Felizmente 91,5% não acham que ler é uma perda de tempo. Quase 74% afirmam que a escola estimula a ler. Percebemos que, apesar de a escola estar no caminho certo no que diz respeito a criar ambientes que o (a) aluno (a) confia como referência, afasta-se da linguagem e dos interesses dos jovens quando o assunto é a escolha de textos e formação leitora. Não podemos esquecer a frequência de leitura e a falta de um projeto de formação de leitores na escola. Este é um dado bastante interessante quando voltamos um pouco atrás no gráfico com relação à questão “Quantos livros lê por ano na escola?” e observamos que o número de leitura é baixíssimo. Como a escola estimula a leitura, se o número de livros lidos no ambiente escolar chega a 1 por semestre em apenas 25% dos entrevistados? A biblioteca escolar é equipamento fundamental para que as leituras possam ser feitas em casa, mas precisa ser auxiliada pelo incentivo à leitura que deve ser feito em sala de aula com a apresentação de autores (as) e textos das mais diversas perspectivas.

Quando perguntamos sobre os autores e autoras lidos fora da escola 46 responderam “Nenhum”, 22 não responderam e 35 responderam “Não lembro.” Respostas como “Nada, não leio nem na escola imagina fora dela”, “Não costumo ler literatura”, “Eu não leio livros literários, outros tipos eu leio!”, “Não gosto de ler” também surgiram. Mais de 100 escritores (as) foram citados. Os autores foram mais presentes na lista, sendo levantados 76 nomes, entre eles os mais lidos foram: John Green (36 vezes citado), Machado de Assis (22 vezes) e Antoine de Saint-Exupéry (14 vezes). Das 45 escritoras presentes na lista, as mais lidas são Clarice Lispector (20 vezes citada) Jojo Moyes (13 vezes citada) e Isabela Freitas (10 vezes citada). O autor americano John Green foi o autor mais lido e uma das respostas diz muito da presença dele na leitura dos jovens. Quando

perguntados sobre o autor que mais gostou de ler e o que marcou na leitura, **5** não responderam, **33** responderam “Nenhum”, **4** responderam “Não sei”, **27** responderam “Não me lembro” e **7** responderam “Não costumo ler”.

Foram citadas **25** escritoras. Entre elas Andresa Urach, Ana Fortier, Anne Frank, Cassandra Clare (2 vezes), Cecília Meireles, Clarice Lispector (12 vezes), Ester Bezerra, Ellen G White, Fabiane Ribeiro, Isabela Freitas (5 vezes), J.K. Rowling (2 vezes), Jojo Moyes (2 vezes), Madeleine Roux (2 vezes), Marina Colasanti, Paula Pimenta (3 vezes), Rachel de Queiroz (2 vezes), Stephenie Meyer, Veronica Roth e Zibia Gasparetto. O número de autores citado foi **44**. Entre eles: Ariano Suassuna, Augusto Cury (5 vezes), Augusto dos Anjos, Antoine de Saint-Exupéry (3 vezes), Bráulio Bessa (3 vezes), Bruno Paulino (4 vezes), Caco Galhardo, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, Gregório de Matos (2 vezes), Guimarães Rosa, Paulo Coelho, R. J. Palacio, Rick Riordan (4 vezes), Jeff Kinney (2 vezes), Jorge Amado (3 vezes), John Green (16 vezes), John Harding, John Boyne (3 vezes), Júlio Verne, Lima Barreto, Khaled Hosseini, Machado de Assis (10 vezes), Vinícius de Moraes (2 vezes), William P. Young e Zuenir Ventura.

Até mesmo quando perguntados sobre autoria feminina John Green é citado e livros como *A menina que roubava livros*, que é de um escritor, também. O número de leitores (as) que não lembram se já leram autoria feminina foi quase o triplo de leitores (as) que não lembraram de livros lidos de autoria masculina. Quando se trata de diversidade de autoras, as escritoras estrangeiras estão na frente, elas foram citadas mais vezes. Acreditamos que a maior presença de escritoras estadunidenses, inglesas, entre outras, se dá pelo alcance de suas literaturas.

Um questionário voltado para as práticas de ensino também foi aplicado com professores e professoras das escolas pelas quais passamos. Assim como o dos educandos, destacaremos apenas algumas respostas. Ao todo 16 profissionais responderam. Perguntamos sobre a vida de leitor do (a) entrevistado (a) dentro e fora da escola. Você se considera um (a) professor (a) leitor (a)? Quantos livros costuma ler por mês? Você costuma comprar livros ou pegar emprestado em bibliotecas? As suas leituras são motivadas apenas pela escola ou pela internet, blogs, amigos?

É possível perceber através das respostas que o tempo em sala de aula sufoca esses profissionais que precisam tanto da leitura e de forma contraditória acabam lendo muito pouco e menos do que gostariam. Com as respostas foi possível perceber pessoas apaixonadas pelo texto literário:

“Não sou uma professora leitora. Tenho necessidade disso. Principalmente ser uma leitora por lazer. Ler por prazer, ler para expandir minha história de leitura. Infelizmente a desvalorização do professor faz com que eu (e tantos outros), que precisam sustentar suas famílias, necessitam abraçar 3 turnos de expediente, praticamente sem tempo para viver. Eis-me aqui”.

Perguntamos também se, durante a faculdade, teriam lido autoras, que autoras e como elas marcaram a sua vida ou não de leitor (a)? Se costuma ler mais escritores ou escritoras? Interessante perceber que as autoras não são muito diferentes das lidas pelos estudantes e que na universidade as mesmas escritoras persistem e a diversidade é quase inexistente. Apenas uma resposta traz uma autora contemporânea, as demais trazem o cânone reconhecido pelo livro didático e academia. A última pergunta e a mais importante foi sobre a distribuição de autores e autoras nos livros didáticos. Enquanto respondiam, muitos professores e professoras, que participaram da pesquisa, comentaram que nunca haviam pensado na presença ou não de autoras nos livros e aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passar por quatro escolas do município de Quixeramobim, apresentar a pesquisa para os gestores das escolas, pedir o apoio dos estudantes para a resolução dos questionários e um tempinho dos docentes para respondê-los foi de muita aprendizagem. A mudança vem através do acesso, refletir a prática é preciso. A teoria e a prática devem estar mais do que nunca imbricadas, entrelaçadas uma a outra para apontar novas formas de ensino e conhecimento. O discurso precisa se materializar, por isso a importância das pesquisas que propõem pensar a presença das escritoras na escola, porque sabemos que o acesso à educação foi uma luta das mulheres. Ler e escrever não era visto como atividades que as mulheres pudessem ou devessem fazer.

Acessamos a leitura, os espaços de conhecimento, escrevemos livros. Mas, ainda existe uma dívida histórica, um saldo negativo. Mulheres são menos lidas, publicam menos, ganham menos prêmios literários. Uma prova disso é que de 100 escritores (as) citados pelos entrevistados, o que foi uma surpresa e tanto um número tão alto e com autores (as) que desconhecíamos, apenas 45 são mulheres quando 76 são homens. Alguns professores responderam que escolhem suas leituras independente de gênero, priorizam a qualidade do texto. Mas, os mesmos que acreditam que o fazer literário independe de gênero nunca tinham parado para pensar na falta de representatividade de escritoras nos livros didáticos. A arte é livre, muitos irão argumentar, e o que vale é o talento de quem faz. No entanto, a sub-representação das mulheres nos espaços de poder (e a literatura é um deles) é uma questão historicamente inegável e já não há mais como argumentar que essa situação é uma consequência de qualidade estética diversa.

Queremos acreditar que a nossa pesquisa deixou uma inquietação com os professores entrevistados. Sabemos que o problema não é a falta de escritoras, lá no século XIX existiam autoras, hoje lidas e pesquisadas, mas ainda pouco divulgadas, como Maria Firmina dos Reis, que escreveu e publicou nosso primeiro romance abolicionista; Júlia Lopes de Almeida, que publicou em diversos gêneros, tendo sido reconhecida como importante escritora e intelectual por seus pares da época ou Emília Freitas, que escreveu nosso primeiro romance fantástico. Por que os programas das universidades e os livros didáticos não as reconhecem? Tratando de revisão do cânone brasileiro, essas são escritoras que precisam ser lidas e relidas como participantes importantes da nossa história literária. Sabendo que é preciso mudar isso, esta pesquisa é uma pequena contribuição para somar à luta das pesquisadoras e das próprias escritoras por visibilidade e condições iguais para que, também na área literária, a equidade de gênero seja respeitada e, assim, enriqueçamos mais nosso cânone.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. S. de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- AMARAL, E. et al. *Novas Palavras*. 3. ed. São Paulo: FTD, 2016.
- BLOOM, H. *O Cânone Ocidental: Os livros e a Escola do Tempo*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.
- COELHO, N. N. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. *Língua e Literatura*, v. 16, n. 19, 1991. p. 91-101.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, jul./dez. 2005.

DALCASTAGNÈ, R. Imagens da mulher na narrativa brasileira. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, [S.l.], v. 15, p. 127-135, dez. 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267>. Acesso em: 05 jul. 2018.

FANINI, M. A. Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 14, n. 27, 2009. p. 317-338.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 401-442.